

ASSASSÍNIO no reino mágico

Especial para The Fatima Crusader

Nasrudin é uma figura cômica do folclore do Médio Oriente, cujas desventuras ilustram bocados de sabedoria simples ou, nalguns casos, uma verdade mais profunda. Numa história, a mulher de Nasrudin olha pela janela à meia-noite para ver o marido, de regresso de uma noite de paródia, de gatas à volta de um candeeiro da rua. “O que estás a fazer?” pergunta. “Estou à procura da chave da casa,” responde ele. “Onde é que a perdeste?” pergunta ela. “Ali,” responde ele, apontando para um canto escuro a alguma distância de onde ele está de gatas. “Então porque é que estás debaixo do candeeiro?” pergunta ela. “Porque aqui a luz é melhor.”

Esta história sublinha um problema vulgar: um desejo de evitar dificuldades, fingindo que o problema “real” está noutro lado, onde se podem encontrar soluções mais fáceis (mas falsas). Este defeito encontra-se repetidas vezes no caso da existência de uma lista sem fim de atentados à bomba, tiroteios, facadas e atrocidades sortidas precedidas pelo grito de “Allahu akbar!” Sempre que é cometido um acto de selvajaria no Ocidente por Muçulmanos que seguem os ditames do Corão, os nossos dirigentes da Igreja e do Estado podem encontrar-se sempre de gatas debaixo do candeeiro da rua, à procura de uma chave que não está lá.

A chave para estes ataques é claramente o próprio Islão: não o Islão “radical” ou alguma “interpretação” aberrante que distorce o Islão (a “religião da paz”), mas o próprio Islão. Não há um acto de terror islâmico que não possa ter a sua proveniência numa das *suras* (capítulos) do livro de Maomé, ou no *hadith*, os ditos e actos do Profeta aceites como princípios orientadores no Islão. E nenhum perpetrador destes incidentes sangrentos cita como sua motivação algo que não seja a sua dedicação ao Islão.

A verdade perturbadora

A tentativa de sugerir uma equivalência moral entre Cristãos “radicais” e Muçulmanos “radicais” é risível, mas isso não impede um Papa ou um Presidente de tentar comparações tão ridículas. E quando foi a última vez que ouviu falar ou ouviu alguém a gritar “Jesus Cristo seja louvado!” antes de atirar um carro atrapalhado contra um edifício ou cortar a cabeça a um não-crente? O facto de o Islão ser agora único entre as religiões do mundo a considerar o assassinio como um dever santificado é uma verdade escura e perturbadora.

Assim, naturalmente, os nossos líderes procuram respostas onde a luz é melhor; ou seja, onde não se encontra a verdade, porque a verdade força-nos a encarar uma realidade que tem sido constantemente evitada no Ocidente desde há muitíssimo tempo. C.S. Lewis, ao comentar a tentativa da idade moderna para aceitar todas as alternativas e assim evitar qualquer conflito ou confrontação, escreveu o seguinte em *O Grande Divórcio*:

“A tentativa baseia-se na crença de que a realidade nunca nos apresenta uma situação de “ou-ou” absolutamente inevitável; que, com habilidade e paciência e (sobretudo) o tempo necessário, poderá sempre encontrar-se alguma maneira

de aceitar ambas as alternativas; e que um simples desenvolvimento ou ajustamento ou aperfeiçoamento conseguirá converter o mal em bem sem nós sermos levados a uma rejeição final e total de tudo o que gostaríamos de manter. Esta crença, creio que é um erro desastroso. Não podemos levar toda a bagagem em todas as viagens; numa viagem até a mão direita e o olho direito podem estar entre as coisas que temos que deixar para trás.”

Se este desejo de uma conciliação impossível de forças radicalmente opostas era preeminente na época de Lewis, tornou-se uma preocupação obsessiva, ao ponto de absurdo, no nosso tempo.

A verdade é procurada onde a luz é melhor, e não onde deve ser encontrada. A luz, para os nossos dirigentes, é qualquer solução que não precise de algo mais do que retórica rançosa e vigílias à luz das velas e vagas denúncias de “mal” e “ódio”, evitando cuidadosamente qualquer menção da origem desse mal e ódio.

Um reconhecimento franco de que o Islão é a chave para estes ataques sem fim contra os que o ISIS, a Al Qaeda, os Taliban, Al Shabab e uma série de grupos islâmicos chamam “cruzados” (somos nós) obrigaria os nossos dirigentes a enfrentar a verdade flagrante de que o Islão está em guerra contra o Ocidente: não só contra uma nação ocidental em particular, mas contra toda a cultura da Europa e das Américas. E então, e depois?

Devíamos ter olhado com atenção para a imigração dos países islâmicos. As fronteiras abertas tornar-se-iam fronteiras fechadas. Os imams que pregam a jihad teriam de ser expulsos. As transacções comerciais com nações islâmicas que apoiam o terror teriam que acabar. Independentemente do custo, económica ou politicamente, os nossos líderes seriam obrigados a proteger os cidadãos da ameaça do Islão. Imaginem isso!

E aqui está o principal: Nós, as nações do Ocidente, teríamos que admitir que a religião é importante. Teríamos que dizer claramente que o modo como uma cultura concebe o seu Deus pode ter implicações profundas em como as pessoas vivem e agem. Reconhecer a verdade sobre o Islão forçar-nos-ia a enfrentar duras verdades sobre nós próprios, sobre o modo de vida ocidental e as suas bases subjacentes.

Actualmente parte-se do princípio de que a religião é um assunto puramente privado, e que assim deve ficar. Além disso, é um artigo de fé pública que quem professa crenças religiosas deve evitar julgar o comportamento de quem não as tem. A controvérsia actual sobre o aborto ilustra o absurdo destas ideias. Se eu acredito que o aborto é homicídio, mas outra pessoa não, então cabe-me, por uma questão de boas maneiras na nossa república democrática, permitir que essa pessoa cometa um homicídio com boa vontade e indulgência.

Tolerância é indiferença

A tolerância, como princípio absoluto, é impraticável. Como é que um apóstolo da tolerância pode ser tolerante do intolerante? Até John Locke viu o problema, e foi por isso que ele pensou que os Católicos eram socialmente inaceitáveis, porque insistiam numa verdade absoluta. A essência da tolerância é a indiferença, se não a negação prática, da verdade absoluta.

O Islão tem em comum com a Fé Católica a sua insistência na verdade absoluta, ou seja, na verdade exclusiva. Assim, o Islão e o Catolicismo são inimigos inevitáveis, como têm sido desde que o primeiro grito de “Allahu akbar!” acompanhou a primeira decapitação de um “infiel” há mais de 1300 anos.

Diz-se às vezes que o “Islão radical” está enraizado numa ideologia do Século VII, tendo por implicação que o Islão “moderado” está de acordo com os valores modernos. Todo o Islão está enraizado numa ideologia do Século VII. É essa a ideologia de que nunca se afastou. Os defensores do Islão gostam de apontar que a maior parte dos Muçulmanos vivem pacificamente entre nós. Mas essa coexistência não é o resultado da sua religião, mas antes de um afastamento dessa religião.

Os Muçulmanos pacíficos podem tornar-se radicais

O problema é que os Muçulmanos pacíficos podem tornar-se Muçulmanos “radicais” sem aviso. Tudo o que é preciso que aconteça para efectuar a transição é um aprofundamento da fé, uma leitura mais cuidada do Corão, a inspiração de um sermão sobre o dever da jihad na mesquita local. Não é fácil reconhecer isto, mas todo o Muçulmano é um jihadista potencial.

Inconscientemente, os que tentam neutralizar um apelo à imigração muçulmana restrita apontando que alguma atrocidade, como os assassínios no clube noturno gay em Orlando, foi cometida por alguém que cresceu numa nação ocidental, sublinham o perigo potencial que qualquer muçulmano representa, não importa onde nasceu e cresceu. A “auto-radicalização” e o “terrorista doméstico” são termos projectados para demonstrar a futilidade de restringir ou terminar a imigração muçulmana. De facto, sublinham não só como é vital por uma questão de auto-defesa, mas também quanto mais longe teremos de continuar a investigar quem está a viver entre nós com intenções assassinas.

O Islão é o inimigo. Devemos enfrentá-lo, se quisermos sobreviver a esta guerra. Mas esta guerra não durará para sempre. Mais cedo ou mais tarde, a Rússia será consagrada ao Imaculado Coração de Maria. Quando isso acontecer, muito irá mudar.

O falecido Bispo Fulton Sheen acreditava que Nossa Senhora apareceu em Fátima como um sinal de que o Islão seria convertido. Fátima é o nome da filha de Maomé, assim como o nome de uma jovem muçulmana que se converteu à Fé Católica na aldeia que tomou o seu nome em Portugal. Entre todos os lugares em que Nossa Senhora podia ter aparecido, Ela escolheu Fátima.

Portanto, nesta crise que envolve o Islão, como em qualquer outro problema que enfrentemos, Nossa Senhora é a chave. Para quê procurar onde a chave não está? Se nos virarmos para Nossa Senhora e obedecermos aos Seus pedidos, a escuridão dissipar-se-á e a luz do amor e da paz surgirá por fim.